

## UM OLHAR SOBRE UM EXERTO (VERSO 277-294) DO *DE GESTIS MENDI DE SAA*, DE JOSÉ DE ANCHITA

Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem como escopo a apresentação de um excerto (versos 277-294) do poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta. A partir da tradução realizada desses versos, teve-se como intenção fazer breve análise de características estilísticas, apontando para o sentido pretendido pelo poeta, nesse fragmento. E, iniciando o texto com incursões a respeito de dados biográficos e históricos, tentou-se exemplificar a obra, apresentado o início das aventuras de Fernão, filho de Mem de Sá, o grande herói dessa epopéia renascentista.

**Palavras-Chave:** Épico, Anchieta, *De Gestis Mendi de Saa*

## A LOOK OVER A EXERTO (VERSE 277-294) *DE GESTIS MENDI SAA*, BY JOSÉ DE ANCHITA

**ABSTRACT:** The present study has the objective to present an excerpt (verses 277-294) of the epic poem *De Gestis Mendi de Saa*, by José de Anchieta. From the performed translation of these verses, this work was intended to make a brief analysis of stylistic features, pointing to the sense intended by the poet, in this fragment. And starting the text with biographical and historical data, we attempted to exemplify the work presenting the early of the Fernão's adventures, son of Mem de Sá, the great hero of this epic Renaissance.

**Keywords:** Epic, Anchieta, *De Gestis Mendi de Saa*

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Letras Clássicas pela UFRJ e Especialista em Língua Latina pela UERJ. Professora da UNIABEU. RJ, Brasil. sandraveronica.vasquecarvalho@gmail.com

O poema épico *De Gestis Mendi de Saa* é de autoria de José de Anchieta, que foi padre jesuíta e humanista e viveu no século XVI, sendo escritor de obras que integram o contexto internacional humanista.

Nesse período conhecido com Renascença, verifica-se uma grande representação do Latim Clássico, modalidade que, depois do período em que viveu autores romanos como Cícero, Vergílio, Horácio e outros, somente a partir do Humanismo é possível encontrá-la ótal como era utilizada por aqueles autores.

A epopeia anchietana, da qual destacamos o excerto aqui observado, é escrita nesse Latim e trata das ações heroicas de Mem de Sá, personagem histórico que veio para o Brasil, com a finalidade de ser o governador-geral da terra, em substituição a Duarte da Costa, segundo governador-geral.

Com o intuito de ressaltar tal excerto, foram feitas as traduções dos versos escolhidos, com a realização de breves comentários, tendo como propósito uma sucinta análise estilístico-semântica.

Inicialmente, após uma rápida introdução sobre a obra em questão como um todo, foram realizados comentários referentes ao poeta e em relação ao herói que dá nome ao poema.

## **1. DE CARMINE ET AUCTORE (SOBRE O POEMA E O AUTOR)**

*De Gestis Mendi de Saa* é um épico escrito por José de Anchieta, padre que pertenceu à Companhia de Jesus. Ele contém aproximadamente 3.000 versos hexâmetros dactílicos. A *editio princeps* (primeira edição) data de 1563, realizada em Coimbra. O Padre Armando Cardoso organizou duas outras edições do poema, dividindo os versos em quatro livros. A primeira edição é de 1958 e a segunda de 1970. Ainda existe uma terceira edição moderna, datada de 1986. (RAMALHO, 1998)

O poema é considerado um épico, porque, além de apresentar a forma de tal gênero, como a grandeza no tamanho e a medida em hexâmetro, tem como centro do argumento, como Steiger (1975) assim assevera, a narrativa de acontecimentos, transmitindo-os de forma clara e distintiva e comunicando fatos já ocorridos, como um registro histórico. Conserva-os,

desse modo, na memória do povo. Esse épico narra os três primeiros anos da administração de Mem de Sá, colocando em relevo a sua vinda e os feitos deste realizados no Brasil.

Mem de Sá foi o terceiro Governador-Geral do Brasil, sendo nomeado, em 1558, como sucessor do Governador Duarte da Costa e governou o país até a morte, em 1572. Era irmão do conhecido poeta Francisco Sá de Miranda.

As ações do terceiro Governador-Geral do Brasil incluíram vários combates pelo litoral brasileiro, expandindo, assim, a colonização feita por Portugal. Diversas dessas ações são narradas por Anchieta na epopeia de que se fala.

No livro I do poema, entre outras ações, são contadas as realizações do governador na sua primeira contenda, ocorrida na Capitania do Espírito Santo e, também, a morte de seu filho, Fernão de Sá, em batalha nesse local.

*De Gestis Mendi de Saa* é, assim, um poema épico escrito na Renascença, tendo, como temática, o Brasil e as suas origens ó a constituição de uma nação. Como épico e como obra renascentista é redigido aos moldes greco-latinos clássicos. Verifica-se, também, como grande característica do poema, inspirações vergilianas. O próprio fato de ser uma epopeia relacionada à constituição de uma nova nação nos remete, por exemplo, à narrativa de Vergílio e aos feitos e combates de Eneias no Lácio. Portanto, é fácil identificar nessa obra novilatina quinhentista articulações entre características apresentadas no épico de Vergílio e as próprias desse épico brasileiro/anchietano. Além disso, ela apresenta outras peculiaridades que podem ser relacionadas à parte da obra do autor romano da *Eneida*, como a exaltação da natureza idílica.

Além da presença da métrica clássica e a escrita em língua latina, encontramos, permeando todo o poema, imagens clássicas. Por exemplo, ao narrar a viagem de Mem de Sá ao Brasil, Anchieta inclui imagens vergilianas, como se presenciássemos a reedição das tempestades enfrentadas por Eneias, o herói da *Eneida*. O herói do *De Gestis Mendi de Saa* passa por tormentas no mar, passa por vários infortúnios, assim como Eneias. Sua viagem é conturbada da mesma forma como foram tanto as do herói da *Eneida* como as da *Odisseia*, de Homero.

Entre outras características que nos fazem classificá-lo como poema épico, uma marcante seria a representação e exaltação da constituição de um novo povo, assim como alinhava Kaltner (2009, p. 133-134)

O principal caráter épico de *De Gestis Mendi de Saa* é o de representar um novo povo, um *Nouus Mundus*, que não é só composto de índios a serem convertidos á fé, nem de colonizadores a se estabelecerem na terra, mas uma nova gens, a gens dos *Regna Brasillica*, um novo território que , por combates épicos, começa a se formar, (...)

Do mesmo modo podemos verificar essa ocorrência na *Eneida* ó ponto culminante da epopeia latina - na qual o herói, através de combates épicos, funda uma nação.

A *Eneida* narra a história das aventuras de Eneias, guerreiro troiano, que conta a história de Roma e do povo romano. Eneias, como antecedente do povo Romano, é um herói cujo caráter é o ponto principal da narrativa. Sua missão, fundar uma nova nação, é o dever mais sagrado e imperativo e está disposto a sacrificar tudo por ela. Trata-se de um homem de honra e dedicação.

Mem de Sá é o herói do épico de Anchieta. Tem como missão, além de converter os índios ao cristianismo e a colonização do território, a criação de uma nova *gens*. É um herói excepcional, de grandeza de espírito, como bem se confirma durante a narrativa anchietana.

### 1.1 Anchieta: jesuíta e humanista

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, na ilha de Tenerife, arquipélago das Canárias, em São Cristóvão da Laguna. Morreu em 9 de junho de 1597, no Brasil. O nome que recebeu é proveniente do dia em que nasceu, pois era dia de São José ó um costume da época - e o sobrenome de seu pai, Juan Lópes de Anchieta. (MOTTA, 2000) E (CARDOSO, 1991)

Anchieta era exímio na língua latina, como se atesta na seguinte citação: õ seus progressos em latim, que então se aprendia desde os 7 anos, como língua universal, o indicavam para estudos superioresö (CARDOSO, 1991, p14). Depois dos 14 anos, é enviado pela família para Coimbra, acompanhado de seu meio irmão Pedro Núñez, para frequentar o Curso Superior de Humanidades, no Colégio das Artes. (MOTTA, 2000). Neste colégio muito famoso na época, com regime rigoroso e onde só se falava em latim, os progressos nos estudos de Anchieta foram extremos. Nos primeiros anos em Portugal, nesse colégio, recebeu a mais genuína cultura renascentista (NAVARRO, 2000)

José de Anchieta foi um humanista com nível comparado aos grandes renascentistas da época em que viveu. Com a formação que obteve, inclusive nesse colégio, participou da

ideologia do Renascimento. Conforme convicções de Navarro (2000), o latim que Anchieta utilizava era também renascentista e sua formação era vastamente clássica. Essa verdade é evidenciada segundo esse autor, através de, entre outras produções, do *De Gestis Mendi de Saa*. Sobre o humanismo e participação de Anchieta no movimento, Kaltner nos informa:

O Humanismo foi um período de profundo estudo das Humanidades, responsável pelo ressurgimento do antigo pensamento greco-romano, que resultou na composição de várias obras novilatinas, na confecção de dicionários, no trabalho de ecdóticos e gramáticos por toda Europa. A educação humanista tornou-se universal e as obras de Anchieta, escritas no Brasil, fazem parte deste contexto internacional. (2007, p.13)

Anchieta entra depois para a Companhia de Jesus, em 1551, e logo começa a padecer de dores. Ao receber notícias de outros jesuítas que estão do outro lado do Atlântico, em lugar com õares curativos, com bom clima para doentes, pede para ir para o Brasil ó tal lugar. Segue em companhia do padre Luís de Grã e outros seis noviços, compondo a terceira leva de jesuítas que se destina ao país. (CARDOSO, 1991)

No Brasil, ensina latim àqueles que se preparam para o sacerdócio, ministra catecismos e realiza diversos afazeres. Esses trabalhos missionários que realiza, os entende, tomando-os

por remédios, melhoria de sua doença, misteriosa para a época. Batiza índios enfermos. Converte gentios. Atende pedidos de sacramentos dos colonos. Ensina. Cozinha. Escreve cartas e lições (...) Cata lenha (...), ensina gramática (...) (MOTTA, 2000, p. 27)

É transferido, mais tarde, para São Vicente, onde, segundo Motta (2000), escreve o *De Gestis de Mendi de Saa*, assim como exposto *in verbis*: õDaí ecreve, em 1560, o poema épico, à imitação de Virgílio, sobre a vitória de Mem de Sá diante dos franceses e tamoios na Guanabara, destruindo o Forte de Coligny na ilha de Villegaignon.õ (MOTTA, 2000, p.27)

Por que escreveu o poema em latim? Ora, Anchieta vivia o momento do Renascimento, como já visto, que, diferentemente da Idade Média, não tinha como ideal de homem culto o teólogo escolástico e sim um homem que, entre outras coisas conhecia a língua latina, ou melhor, conhecia os clássicos. O latim era a língua dos homens cultos. Compor epopéias latinas era característico do humanista erudito. Dessa forma reflete Navarro: õO valor estético e ético dos textos antigos é visto, agora, por si mesmo e não enquanto um simples *ornamentum fidei*. Reconhece-se em Platão, em Aristóteles, em Virgílio, em Cícero,

em Sêneca, lampejos da sabedoria divina, uma antecipação do Cristianismo. (NAVARRO, 2012, p. 1) e continua:

No século XVI, com o Renascimento assistiu-se à valorização das chamadas *olinguas sapienciais*, ou *olinguas da missa*, como então se dizia, isto é, o latim, o grego e o hebraico. O humanista busca ardentemente conhecer o grego, o latim e o hebraico, as línguas que facultavam retorno aos textos da Sagrada Escritura e da Antigüidade cristã e pagã. Reconhece-se, assim, o valor humano das línguas antigas, que confeririam ao homem maior dignidade, segundo o princípio do *ohominem humaniorem facere* (*fazer o homem mais humano*).

Adiante, José de Anchieta escreve a gramática da língua indígena tupi e recebe funções superiores da Companhia de Jesus. É considerado o primeiro literato e gramático do Brasil. De acordo ainda com Navarro (2000, p. 1), *Os missionários foram (...) os primeiros gramáticos das línguas americanas, africanas e asiáticas. Para Inácio de Loyola, aprender a língua dos povos a serem evangelizados era a primeira obrigação de um missionário jesuíta.*

Anchieta, desse modo, não fugiu a essa característica. Aprendeu a língua dos indígenas e, ainda mais, escreveu a gramática do tupi-guarani, entre outras obras que produziu. A que nos interessa no momento é a epopeia considerada um épico de exaltação aos feitos do terceiro governador-geral e à própria história da terra.

## **2. DE EXCERTO**

No poema de Anchieta, a partir do verso 234, o herói, Mem de Sá, prepara o filho, Fernão de Sá, dando-lhe conselhos e exortando-o a enfrentar o combate com o coração voltado para Deus e sempre buscando a virtude. Impele-o a enfrentar as tormentas do mar, as águas impacientes e revoltas, por tão grande causa: livrar os cristãos, os colonos da cruza dos inimigos sanguinários. Isso tudo, não importando o quão grandes e tortuosos sejam os seus trabalhos, sejam as contendas enfrentadas, qual seja a sorte que o espera. O herói não deve ceder aos infortúnios, não deve sucumbir e não pode se abater com a dor. A missão, a salvação, é mais importante. A glória divina precisa estar em primeiro lugar.

O pai incita o filho, desse modo, a pairar acima de tudo, em prol da salvação. Não importa conseguir a vitória, guiado pelo Pai Onipotente ou, ao contrário, ser alijado da vida precocemente. No primeiro caso, deverá louvar o Deus soberano, rendendo-lhe os devidos votos. No segundo, aceitar o desígnio, alçando a glória e honra eternas no *post mortem*.

Segundo a doutrina cristã, a vida eterna é a recompensa, é a verdadeira vida. Assim, o herói precisa estar preparado para enfrentar o que está por vir, inclusive os selvagens e a fúria dos mares na viagem em direção ao destino.

Após realizar essa exortação de ida à luta, estando o filho guiado pelo Senhor e com a força e brio dos gloriosos, empreende o envio de Fernão à primeira contenda. Assim, continua o poeta a narrativa da viagem do filho de Mem de Sá em direção ao Espírito Santo, onde enfrentará grandes e numerosos inimigos.

Os enfrentamentos já começam durante a viagem, na qual é necessário entrar em contato com o mar que, por muitas vezes, apresenta-se revoltoso e não muito amigável. Para isso, o pai oferece ao filho a companhia e auxílio de muitos sócios, aliados, armados a contento, e faz invocação ao divino para oferecer bons auspícios. Assim começa a viagem Fernão. É sobre isso que trata o excerto a ser analisado.

#### **Excerto do poema ó versos 277-294**

*Sic fatus, natum claros dimittit ad orsus;*

*Bisque addit socios uiginti, atque instruit armis;*

*Et dare uela iubet uentis, diuina precatus*

*Adspiret primis iuuenis clementia coeptis.*

*Ergo trahit curuum nautarum dextera ferrum*

*Sedula, et adductos alterna uoce rudentes*

*Colligit in spiras, pelagique sonantibus undis*

*Obuertit proras; malis simul explicat altis*

*Carbasa, et acceptat contentis funibus auras.*

*Incubat oceano Boreas, subigitque carinam*

*Concaua uela tenens; uolat illa sectque profundum*

*Vuncta salum, tumidasque ruens cita labitur undas.*

*Iamque his, iamque illis spumantibus applicat oris*

*Fluctibus; insani mitescunt murmura ponti,*

*Adspirat uentis dum Parrhasis Ursa secundis,*

*Diuersasque tenet transmissa per aequora sedes*

*Christiadum. Hinc multi socios se protinus addunt*

*Magnanim iuueni, et casus comitantur in omnes.*

### **Tradução**

Assim agindo, envia o filho para seu começo glorioso. Dá-lhe quarenta companheiros e (os) garante de armas. Manda dar velas aos ventos, pedindo que a divina clemência favoreça as primeiras estréias do jovem.

Logo, os braços zelosos dos marinheiros levanta(m) âncoras e, em canto alternado, recolhe(m) as amarras, contraídas em círculos, e volta(m) as proas para as sonoras ondas do mar alto; ao mesmo tempo, desenrola(m) em altos mastros o linho fino, e acolhe(m) os ventos nas cordas estendidas.

Bóreas, o vento do Norte, deita-se sobre o oceano, e impele a nau, dirigindo as velas côncavas. Ela voa e corta, elegante, as vagas espessas, e desliza, ágil, precipitando-se nas ondas soberbas. E ora aqui, e ora ali, aporta nas ondas espumantes dos litorais.

Abrandam-se os roncoss do mar insano, quando a Ursa Maior sopra favoravelmente com ventos propícios. E, percorridos os caminhos, através da superfície das águas, a nau alcança os diversos portos dos cristãos. Lá, imediatamente, muitos se oferecem ao nobre jovem como aliados, e (o) seguem em toda a sorte.

O excerto escolhido tem início com o verso no qual fica manifesta a estreia de Fernão de Sá em uma contenda. Esse verso é o primeiro após a exortação feita ao filho pelo herói Mem de Sá, no sentido de mostrar-lhe, entre outras coisas, a glória de lutar pela causa que os levava àquelas terras.

Nesse ínterim, pode-se observar o verbete *claros* que adjetiva o substantivo *orsus*. Ele pode carregar consigo também a conotação de que a missão de Fernão, como a de Mem, tem a finalidade de salvação, de clarificação, de iluminação. Seria, do mesmo modo, o anúncio de que, mesmo morrendo o herói em batalha, a glória poderia ser alcançada. Isso poderia, talvez, nos remeter ao pensamento clássico da *pulchra mors* (bela morte).



O termo *orsus*, por sua vez, como a própria tradução diz, remete ao início, ao começo, ao princípio. Palavra do mesmo campo semântico de outras apresentadas em alguns versos do poema.

Os versos seguintes, 278, 279 e 280, apresentam os cuidados tomados pelo pai para guarnecer a nau e a viagem do filho, tanto de recursos materiais e humanos, quanto de bons auspícios advindos do divino. É uma invocação ao Senhor e a sua clemência para que guiem o caminho do estreante. A fé cristã invocando a interferência do Deus Onipotente.

No verso 280 destacado abaixo, podemos verificar a presença do termo *coeptis*, também representante e indicador dessa estreia.

*Adspiret primis iuuenis clementia coeptis.*

Mais uma vez, no verso 279, observa-se a expressão *dare uela iubet uentis*, indicando o início da jornada, o começo da navegação, a saída da nau, incitada e conduzida pelos *uentis*. Essa força avassaladora que tanto pode favorecer como pode prejudicar a viagem.

Sobre isso pode-se, nesse passo, fazer um alusão à participação e/ou ao poder dos ventos, ou melhor, da divindade Eólo, que se faz presente na narrativa clássica vergiliana.

No primeiro canto da Eneida, a deusa Juno pede auxílio de tal deus para o desencadeamento da fúria dos ventos, fazendo submergir e espalhar os navios da frota de Enéias. Ela tinha o propósito de afastar o herói de seus desígnios, não o deixando chegar ao seu destino e concluir sua missão.

Eólo, por sua vez, tinha o poder de conter a fúria dos ventos e das tempestades, senão os mesmos poderiam arruinar com mares, terras e céu. Desse modo pode ajudá-la.

No poema de Anchieta, no fragmento analisado, percebe-se a menção aos ventos em vários momentos. Na expressão acima referida, no verso 285, através do termo *auras*; no 286, por meio de *Boreas* e no verso 291, aos quais será dada melhor atenção mais adiante. Nessas passagens, os ventos mostram-se favoráveis, pois atuam de forma propícia a conduzir as embarcações ao destino.

Prossegue o poeta, dando a conhecer, nos próximos versos (281-285), as ações dos marinheiros, após o pedido de dar velas ao vento e a súplica ao divino.

Cada ação realizada por eles é apresentada a partir de uma metonímia empregada: a *dextera*, mão direita ou braços (de acordo com dicionários consultados), ao invés de homens, marinheiros, pois os verbos concordam com esse termo. Essa figura de linguagem, denominada de metonímia do todo pela parte, nesse caso, confere à parte as ações realizadas por um todo, assim verifica-se na ordem direta:

- *Dextera trahit ferrum.*
- *Dextera colligit adductos.*
- *Dextera obuertit proras sonantibus undis.*
- *Dextera explicat carbasa.*
- *Dextera accepta auras.*

Também encontra-se metonímia no verso 281, além da já mencionada - *Ergo trahit currum nautarum dextera ferrum*; e no verso 285: *Carbasa, et acceptat (...)*

Nesses, a figura de linguagem incide sobre os termos *ferrum* e *carbasa*. O primeiro que, segundo a tradução, significa ferro, objeto ou instrumento de ferro, refere-se às âncoras dos navios. O segundo, significando linho fino, faz alusão às velas das embarcações. Portanto, tem-se, novamente, duas metonímias. Nesse caso, da matéria pelo produto, da matéria pela coisa.

Além disso, no verso 281, a adjetivação conferida pelo termo *sedula* ao substantivo *dextera* trata-se de uma atribuição ao homem, ao marinheiro e não às suas mãos ou aos seus braços. Pode-se dizer que o poeta usou o recurso estilístico denominado personificação. A personificação é uma figura de estilo, na qual são aferidas características próprias de um ser animado a uma coisa, a um ser não animado.

Ainda é devido fazer mais observações acerca desses versos: Primeiro, o termo *pelagi*, em uma de suas acepções, significa mar. O poeta faz uso de outros verbetes referindo-se ao mesmo significado, como *ponti* (v. 290) e *aequora* (v.292). Segundo, ao mencionar estarem as proas voltando-se para as *sonantibus undas*, pode-se entrever estar o mar revolto, estar o alto mar em turbilhões. Se as ondas são muito ruidosas, comum é perceber que o mar se encontra agitado.

Passa o autor, nos próximos versos (286-289), a mencionar a atuação dos ventos, impelindo o navio ao seu destino, cortando os mares.

No verso 286, já é notada a presença e a força dos ventos favoráveis à navegação: *Incubat oceano Boreas*, (...). Compreende-se aí a ação do vento do norte conduzindo os navios.

O verbete *Boreas* é um indicativo da alusão feita aos moldes clássicos. Ora, ele refere-se a um dos deuses do vento presentes na mitologia grega. É a ocorrência de uma divindade pagã. Segundo Ramalho (1998), foram omitidas na tradução do Pe. Armando Cardoso algumas delas que se encontram no original em latim.

A definição de *uentus*, como consta em Torrinha (1945), é, entre outras, o sopro da fortuna ou o símbolo da inconstância. A *fortuna*, conforme o mesmo autor, pode ser a sorte (boa ou má), o bom êxito, o acaso. No caso dos versos em questão que se referem aos ventos, eles podem conotar ora boa sorte, bom êxito; ora inconstância ou acaso.

Ainda no verso 286, encontra-se mais uma metonímia da parte pelo todo: (...), *subigitque carinam*. O termo *carinam*, significa, quilha de navio, ou seja, a parte do navio representa o todo que seria o *nauem*.

Daí em diante, nesses versos, as ações passam a ser realizadas pela nau, a partir da ação do vento do norte, com se, sozinha, conduzisse a viagem.

A nau, voa, corta as profundas ondas, desliza rapidamente sobre elas. Parece estar o navio no comando solitário, sem a participação do homem, do marujo responsável por guiá-lo. Talvez seja correto afirmar ser mais um tipo de personificação.

Novamente, ainda é visto o poder do mar, do oceano representado pelos termos *solum profundum* e *tumidas undas*, nos versos 279 e 289.

Continuando a análise, ao observar os versos 290-294, constata-se que o poeta apresenta o início da calmaria marítima, propiciada pelo poder da Ursa Maior.

(...) *insini mitescut murmura ponti*,

*Adspirat uentis dum Parrharis Ursa secundis*,

No verso 290, a fúria do mar, com todo o rumor presente, é representada, primeiro, pelo adjetivo *insani*, denotando a violência das águas e, segundo, pelo

substantivo *murmura*, apontando os barulhos de tal violência. Já, no verso seguinte, os ventos favoráveis que acalmam, abrandam o oceano são trazidos pela Ursa maior a *Ursa Parrahasis, Parrhasides stellae*.

A partir do favorecimento com ventos propícios, as naus chegam, depois de percorrido grande caminho através dos mares, ao destino. O vocábulo latino *transmissa* dá a dimensão da distância, dos percalços e do espaço transpostos por Fernão e seus companheiros, assim como aconteceu com o pai.

O filho tinha, também, uma missão honrosa e gloriosa. Da mesma forma, possuía nobreza de caráter e de espírito. Assim, é caracterizado, mais adiante, pelo poeta, com um dos adjetivos conferidos igualmente a Mem: *Magnanimus*.

Além de alguns recursos já apontados, esse excerto está repleto de adjetivações, como em *claros orsus* (v. 277), *diuina clementia* (v.279 e 280), *alterna uoce* (v. 288), *sanantibus undis* (v. 283), *malis altis* (v. 284), *tumidas undis* (v. 288), *uentis secundis* (v. 291), entre outros.

Os adjetivos são recursos estilísticos empregados, nos textos literários, para dar ênfase a tudo que se quer apresentar. No poema, tudo referente aos personagens do episódio em questão e às coisas relacionadas a eles. Eles, nessa composição, às vezes intensificam a grandeza da missão, do divino e do próprio Fernão e, outras, ampliam as dificuldades encontradas ó nada que o divino não possa minimizar.

Outro recurso, da mesma forma, é encontrado em alguns versos. É a figura de sintaxe denominada de anáfora, ou seja, no fragmento em estudo, a repetição de um termo no início da frase. No excerto, a anáfora acontece com a conjunção *et*, como em:

*Et dare uela...* (v.279)

*... et adductos* (v.282)

*... et acceptat* (v.285)

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses são alguns dos muitos exemplos de riqueza estilística que se pode entrever nessa epopeia, assim como a presença latente, na obra, da demonstração de erudição do poeta e de seu apuro estético.

Como se pode observar, após uma breve observação sobre Anchieta e parte de seu poema aqui apresentada, pode-se notar que, apesar da formação e visão de mundo medieval, o escritor José de Anchieta, além de dominar a língua latina clássica, sendo conhecedor dos cânones épicos clássicos, era também, conhecedor e realizador de textos com características do humanismo. Foi integrante ideologicamente, assim, do Renascimento. O épico aqui estudado, através do excerto destacado, representa perfeitamente a excelência do autor no que diz respeito ao uso do Latim nesse período.

O poeta serviu-se de recursos coletados no modelo clássico, assim como fez uso de recursos renascentistas próprios, os quais foram, em grande parte, adquiridos ao longo dos estudos realizados no Colégio das Artes, através de lentes como, por exemplo, Diogo de Teive, considerado humanista.

Na epopeia que escreveu sobre as incursões de Mem de Sá no território americano e, conseqüentemente, a respeito da formação de uma nação, deixou registrado, como um épico assim o faz, a história de um povo, rememorando-a e fazendo com que ela não se apague da memória de sua gente.

#### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, Joseph de. *De Gestis Mendi de Saa*. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola, 1986.

CARDOSO, Pe. Armando. *O bem aventurado Anchieta*. São Paulo: 1991. Garnier, 2000.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

KALTNER, Leonardo Ferreira *O IV Livro do poema De Gestis Mendi de Saa do Pe. José de Anchieta, S.I.: A latinização do Brasil Quinhentista*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

KALTNER, Leonardo Ferreira. *O Brasil Hespérico e a bela morte de Fernão de Sá no De gestis Mindi de Sas de José de Anchieta, S.J.* Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

MOTTA, Marcus Alexandre. *Anchieta, dívida de papel.* Rio de Janeiro: FGB, 2000.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Anchieta, um humanista e um gramático na babel do Renascimento.* Disponível em <[www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br)>. Acessado em 30 de dez. de 2011.

RAMALHO, Américo da Costa. *Para a história do humanismo em Portugal* vol. III. Lisboa, 1998.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português.* Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

STEIGER, Emil. *Fundamentos de poética.* Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português.* Porto: Maranus, 1945.

VERGÍLIO, Publios Maro. *Eneida.* Trad. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1990.

Recebido em 05/07/2014.

Aceito em 09/08/2014